

Missão e diálogo inter-religioso: desafios teológicos e avanços no diálogo inter-religioso com as religiões tradicionais africanas

Mission and interreligious dialogue: challenges theological and advances in the interreligious dialogue with african traditional religions

Nadi Maria de Almeida¹
Luiz José Dietrich²

Resumo

O artigo pretende fazer uma abordagem teológico-pastoral da missão e do diálogo inter-religioso com as religiões tradicionais africanas a partir de estudos bibliográficos de teólogos pesquisadores que escrevem sobre o assunto. O trabalho tem três partes. A primeira parte apresenta os desafios teológicos do diálogo inter-religioso. A segunda parte enfoca a teologia cristã das religiões tradicionais africanas e a última parte aborda a teologia cristã do pluralismo religioso com as religiões tradicionais africanas. O estudo pretende mostrar os desafios e avanços teológicos da missão e do diálogo inter-religioso entre o cristianismo e as religiões tradicionais na África que são obtidos não apenas do mundo abstrato dos livros, mas especialmente a partir da inserção na realidade do povo e das religiões tradicionais. Somente a partir da experiência se pode considerar os pontos de convergências e apreciar a grandeza de Deus que se faz presente em todas as culturas e religiões.

Palavras-chave

Missão. Diálogo inter-religioso. Religiões tradicionais africanas. Avanços teológicos.

Abstract

The article intends to make a theological and pastoral approach to the mission and to the Interreligious Dialogue with the african traditional religions from bibliographical studies of theologian's researchers who write on the subject. The text has three parts. The first part presents the theological challenges of interreligious dialogue. The second part focuses on the Christian theology of the african traditional religions. Finally, the last part addresses the Christian theology of religious pluralism with the african traditional religions. The study aims to show the theological challenges and advances of mission and interreligious dialogue between Christianity and traditional religions in Africa that are obtained not only from the abstract world of books, but especially from the insertion into the reality of the people and traditional religions. Only from experience, can one consider the points of convergences and appreciate the greatness of God that is present in all cultures and religions.

¹ Doutoranda e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário Internacional de Curitiba (UNINTER) e em Missão pela Catholic University of Eastern Africa, Nairóbi, Quênia (CUEA). Bacharel em Relações Internacionais pela UNINTER, em Teologia pelo Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL) e pela CUEA. Licenciada em Ciências Religiosa pela PUCPR. Bolsita CAPES. Contato: nadinadimaria@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em e bacharel em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Contato: luiz.dietrich@pucpr.br.

Keywords

Mission. Interreligious dialogue. African traditional religions. Theological advances.

INTRODUÇÃO

A religião é parte do sistema cultural. Ela é composta de diferentes crenças da sociedade, incluindo elementos espirituais (invisíveis) que são expressos de alguma forma ou aspectos (rituais) dentro da comunidade (MAGEZA, 1998, p. 15).³ Culturas, religiões e visões de mundo proporcionam algum sentimento de pertença, sendo simultaneamente um sistema de significados para o comportamento humano. Essa vinculação com os sistemas culturais constitui uma diversidade de religiões tão grande e desafiadora quanto à diversidade de culturas.

O encontro dos diferentes, quando a diversidade é percebida como diferença cultural e religiosa entre essas culturas e religiões, muitas vezes provoca abalos naquilo que cada sistema cultural convencionou como humano. A gama de atitudes geradas por essa percepção pode ser aglutinada em torno de três reações: exclusivista, inclusiva e pluralística.

A atitude exclusivista é a crença de que fora do sistema próprio de uma religião, não há possibilidade de salvação.⁴ Hoje é impossível e inaceitável pensar em fazer missão com uma atitude exclusivista, fato praticado na era da cristandade e do colonialismo.⁵ A atitude inclusivista, aceita que Deus está presente, pelo menos parcialmente, com a sua vontade e a sua salvação também fora da Igreja, mas que a plenitude da presença divina só pode ser encontrada em Jesus Cristo (LG 13). Aceita que haja a presença de Cristo (ou sementes do verbo) em todas as outras religiões, embora de maneira velada e escondida e misteriosamente conhecida apenas por Deus (LG 13, GS 22, AG 11). Esta é uma abordagem um pouco mais respeitosa, porém, ainda classifica e hierarquiza as religiões e culturas.⁶ A visão pluralista é cósmica, quebra barreiras e restrições baseando-se no amor abrangente de Deus que não tem limites e se revela de diferentes maneiras de acordo com as culturas e épocas.

Um dos objetivos do diálogo inter-religioso é enriquecer mutuamente os respectivos parceiros, com informações e inspirações valiosas, compartilhar, acolher e trocar valores em que os participantes do diálogo acreditam e praticam.

A visão pluralística, no qual enfoca nosso estudo, se baseia na experiência de diferentes tradições religiosas que nasce a partir das muitas questões suscitadas pela percepção das diferenças, tais como: é a nossa religião a única religião verdadeira? A diversidade de culturas e

³ Todas as citações deste artigo foram traduzidas livremente.

⁴ Por exemplo, certas vertentes cristãs pregam que, sem a fé explícita em Jesus Cristo e a pertença a uma Igreja, não há possibilidade de salvação.

⁵ Uma percepção exclusivista de fé não aceita as diferenças e, muito provavelmente, buscará impor-se como verdade universal e absoluta. Seria o que Fornet-Betancourt (2007, p. 22) fala de “colonização de almas” e “demonização dos sistemas religiosos autóctones” que busca converter ao outro, estabelecendo uma hierarquia entre as culturas e religiões, na qual as outras sempre estarão algum patamar abaixo da sua.

⁶ *Dominus Iesus* 6 afirma que “a razão de fundo de uma tal afirmação basear-se-ia no fato de a verdade sobre Deus não poder ser compreendida nem expressa na sua globalidade e inteireza por nenhuma religião histórica e, portanto, nem pelo cristianismo e nem sequer por Jesus Cristo”.

de religiões também foi desejada e criada por Deus? Deus está presente, sem diferenças de grau, em todas as religiões? A concepção pluralista responde sim a estas questões. Para ela Deus fez o homem e a mulher como seres racionais e sociais e a diversidade religiosa e cultural, a pluralidade no mundo, é parte de sua criação e parte de sua vontade.

Este estudo defende esta atitude dialógica e o respeito para com as culturas e as religiões a partir de estudos bibliográficos de teólogos que defendem a visão pluralista que se debruçaram sobre o tema em questão. Freire (1987) afirma que é preciso humildade para um diálogo genuíno é uma atitude de escuta atenta com interesse, respeito e apreço.

Assim, este artigo defende o diálogo e o respeito que a atitude dialógica inclui como a ferramenta e o ponto de partida na aproximação a qualquer religião e cultura diferente. É um chamado para “alargar o espaço da nossa tenda”, para “estender as cortinas da nossa casa” (Is 54,2).

O texto está estruturado em três momentos. O primeiro apresenta os desafios e os avanços teológicos do diálogo inter-religioso; o segundo enfoca a teologia cristã das religiões tradicionais africanas na perspectiva pluralística; e por último, expõe a teologia cristã do pluralismo religioso com as religiões tradicionais africanas, a partir de alguns teólogos africanos e não africanos, que estudaram e escreveram sobre o tema. Destarte, o trabalho busca os pontos de convergências e de apreciação tanto da cultura como das religiões tradicionais, com comentários de teólogos, investigadores e pesquisadores do assunto na África.

1 DESAFIO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O encontro com pessoas de outras religiões muitas vezes comporta desafios e provoca atitudes e reações. Não é aconselhável ir ao encontro de pessoas de outras religiões como se tivéssemos tudo a oferecer e eles nada a aprender e a receber (FITZGERALD, 2003, p. 402). A primeira atitude no diálogo inter-religioso deve ser a de escutar atentamente o outro. Mas para escutar, é necessário ser capaz de fazer silêncio e ouvir com profundo respeito, deixando de lado os preconceitos e desarmando-se de suas concepções teológicas e doutrinárias. Isso possibilita, de um lado, um enriquecimento com a partilha do outro e, por outro lado, abre caminhos para podermos compartilhar nossa visão e pensamentos de uma forma respeitosa e humilde. Mas, mesmo assim, deve-se certificar-se de apresentá-las não como um panorama que fosse o melhor, mas como um ponto de vista diferente. Uma atitude desse tipo torna possível aprender uns com os outros. Segundo Bosch, “o encontro inter-religioso deveria basear-se na experiência religiosa pessoal e em firmes pretensões à verdade, mas sem sugerir que qualquer parceiro do encontro possua a verdade final, definitiva, irreformável” (BOSCH, 2002 p. 575). No entanto, Bosch pondera que é importante que aprendamos e nos enriqueçamos com os outros, porém que cada um preserve sua individualidade (BOSCH, 2002, p. 576).

Sair em missão necessariamente é um chamado à abertura para dialogar com a pluralidade de culturas e de religiões presentes no mundo. Consequentemente um chamado a

relacionar com o diferente a partir de uma visão e atitude pluralista. O pluralismo religioso compreende Deus como um ser amoroso que colocou caminhos para a salvação em todas as culturas e religiões de toda a humanidade. Deus está presente em todas elas, de maneiras diversas e com nomes e teologias diversos. Isto implica que as religiões precisam ser respeitadas, porque todas têm a mesma dignidade. Esta dignidade provém do fato de serem elaborações das culturas humanas, em seus processos próprios de humanização e em diálogo com os mistérios da existência e da vivência, articuladas objetivamente em diferentes concepções e nomes convencionalmente associados ao que grande parte da humanidade chama de Deus ou deuses.

Para evitar a discriminação, a hierarquização, a intolerância e a violência em nome de Deus, e para que essa diversidade seja fonte de humanização e enriquecimento cultural e espiritual, é necessário que o encontro dos diferentes seja mediado pelo diálogo. Segundo Paulo Freire “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 1987, p. 19) e não é possível haver diálogo sem “um profundo amor ao mundo” (FREIRE, 1987, p. 51) e para com as pessoas. Assim sendo, “o diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum” (FREIRE, 1987, p. 58).

Deste modo, qualquer pessoa, que queira participar no diálogo inter-religioso possui suas próprias experiências espirituais para compartilhar. No diálogo de intercâmbio teológico, os especialistas procuram aprofundar a sua compreensão de outras tradições religiosas, a fim de apreciar os valores culturais e espirituais de cada uma.

No entanto, o diálogo inter-religioso é sempre desafiador, inclusive porque, especialmente na África, as pessoas, sabedoras de nossas origens ocidentais, muitas vezes não querem falar sobre sua religião. Muitas pessoas não querem saber sobre as outras religiões e ainda sabem muito pouco sobre a sua própria crença, portanto não se sentem confortáveis, nem preparados para entrar em diálogo com o outro sobre suas crenças.

O diálogo inter-religioso deve ocorrer do modo mais natural e espontâneo possível. E mesmo nessas situações, os cristãos devem sentir-se motivados a superar as fronteiras da ignorância e obter mais informações sobre os outros e serem capazes de dar os primeiros passos para o diálogo. A abertura ao diálogo deve conter também o desejo de se ter mais conhecimento e compreensão da sua própria religião – e inclusive de aperfeiçoá-la – a partir do reconhecimento da riqueza e das diferenças que existem em outras religiões. Aqui vale um dito popularmente atribuído ao pensador Leonardo Da Vinci: “não se pode amar ou odiar quem não se conhece.”

O papa João Paulo II afirma: “Cada um dos fiéis e todas as comunidades cristãs são chamados a praticar o diálogo” (FITZGERALD, 2003, p. 402). O diálogo deve ser parte constituinte do modo de ser cristão. Não deve ser considerado como algo opcional, uma vez que não só na sociedade, mas na mesma Igreja, na mesma comunidade, encontram-se as diferenças.

Cada pessoa é um ser único, nunca igualado e irrepetível, e existem muitas diferenças, além da religiosa e cultural.

O conhecimento das outras religiões e respeito mútuo é o primeiro objetivo do diálogo inter-religioso.⁷ A conversão pode acontecer, mas não deve condicionar e nem ser o objetivo do diálogo. É necessário permanecer abertos ao Espírito que sopra em toda parte. O Espírito não é limitado ao cristianismo, mas opera através de diferentes religiões e culturas. De acordo com Swidler (1988, p. 38), “o que é espiritual sempre vem da mesma fonte divina”.

O desenvolvimento tecnológico na comunicação e nos meios de transporte nos tempos modernos tem a vantagem de aproximar as pessoas. Consequentemente, torna-se praticamente impossível para os indivíduos permanecerem ignorantes e indiferentes a outras religiões, tradições e culturas. Por isso, Shorter (1998) sugere que o pluralismo religioso coloca para a teologia cristã o desafio de aprofundar a compreensão da salvação oferecida a todos. Além disso, para um diálogo frutífero é necessário, quando em outras culturas, aprender bem a língua do povo. Este é outro desafio, especialmente para missionários que trabalham em continentes com tantas línguas diferentes, como é o caso da África.

Mesmo moldados por nossa própria cultura, é possível sermos relativamente objetivos sobre outras culturas e capazes de compreender e apreciar muito bem um sistema cultural específico. As analogias a partir do que nos é conhecido podem ajudar. Utilizando um conhecido texto bíblico, podemos dizer que quando nos aproximamos de outras culturas e religiões, devemos “tirar as sandálias”, porque o chão que pisamos “é santo”. (cf. Ex 3,5; Js 5,15; Atos 7,33). Segundo Bosch (2002, p. 578), que segue esta linha de pensamento, “Deus já removeu as barreiras; e seu Espírito está constantemente operando de uma maneira que está além da compreensão humana”.

2 TEOLOGIA CRISTÃ E RELIGIÕES TRADICIONAIS AFRICANAS

As religiões tradicionais africanas permeiam o cotidiano da vida dos seus seguidores, seu modo de ser e de compreender todos os aspectos da existência, desde a concepção, até a sepultura, e até mesmo depois da morte, nas consultas, cultos e celebrações aos ancestrais falecidos. Envolve tudo: o modo de viver, comer, trabalhar, dançar, rezar, oferecer sacrifícios, relacionar-se com o outro, etc. Assim as religiões tradicionais africanas não podem ser facilmente compreendidas somente por meio da análise de seu sistema de crenças. Shorter (1998) apresenta a responsabilidade de uma teologia cristã africana em inculcar a compreensão da mensagem cristã encarnada no contexto social africano.

⁷ Para um maior respeito e sincero diálogo, o decreto *Ad gentes* número 11 exorta aos missionários enviados a se familiarizarem com as tradições religiosas presente no campo de missão. E, no número 15, chama a banir toda aparência do indiferentismo e confucionismo para com as outras religiões. Isso é possível com a eliminação da ignorância do conhecimento da religião e dos valores presente no outro.

A teologia cristã africana é uma ciência ou disciplina responsável pela compreensão da mensagem cristã em um contexto social africano. O propósito dela é ver que a mensagem de Cristo seja expressa em categorias africanas e padrões de pensamento (SHORTER, 1998, p. 64).

Por conta da diversidade de religiões tradicionais, culturas e línguas presentes no solo africano, o desenvolvimentos teológicos no continente é um grande desafio. Implica tempo para aprendizagem, convivência, estudos de uma variedade de tradições, línguas, mitos, costumes, entre outros.

O elemento transcendental na ética é evidente nas religiões tradicionais africanas, onde há uma realização da presença de Deus (ou do sagrado) no ser humano. Mbiti diz que é impossível entender a ética para além da religião em um contexto tradicional como o da África. Vice-versa, o mesmo autor é da opinião de que a “religião tem dominado o pensamento dos povos africanos, a tal ponto que moldou suas culturas, a vida social, organizações políticas e suas atividades econômicas.” (MBITI, 1991, p. 68).

Segundo o cardeal Arinze (1997), os temas mais comuns para o diálogo no estudo das religiões tradicionais africanas no cristianismo são:

o Deus Criador, a mediação do Espírito e os ancestrais, os rituais, o sacrifício, o sacerdócio, as orações, o casamento, a vida após a morte, a vida religiosa e moral, o senso do sagrado, o respeito e visão espiritual da vida, o senso de comunidade, o espírito de família, a sacralidade da autoridade, e o simbolismo no culto religioso (ARINZE, 1997, p. 12-13).

Mbiti pontua que, porque as religiões africanas não têm livros sagrados, estudiosos ocidentais têm sido relutantes em considerá-las. Eles não poderiam conceber nem permitir que uma religião dependente da tradição oral, como as religiões tradicionais africanas, pudesse ser considerada como igual (MBITI, 1991, p. 71).

A preocupação da teologia cristã africana é fazer com que a doutrina cristã seja relevante no contexto africano. Anseia compreender as religiões tradicionais africanas para uma possível correlação entre elas e o cristianismo. Nesta plausível conexão, o teólogo Nyamiti apresenta sua contribuição quando afirma que:

A teologia africana não é nem nova doutrina religiosa, nem uma espécie de sincretismo entre o ensino cristão e as crenças religiosas africanas, mas a própria doutrina cristã autêntica expressa e apresentada de acordo com a mentalidade e as necessidades da África (NYAMITI, 2005, p. 3).

Nyamiti afirma que a teologia africana “não adiciona ou subtrai qualquer coisa para o depósito da fé católica”, mas simplesmente elabora e apresenta de uma maneira africana, e simplesmente dá uma nova interpretação, de acordo com o contexto africano (NYAMITI, 2005, p. 3). Portanto, na tentativa da teologia cristã das religiões tradicionais africanas, são tomados alguns temas comuns para uma possível correlação.

Os povos africanos têm um Deus concebido como o Criador. A sua visão do universo é profundamente religiosa. Geralmente eles acreditam que o universo foi criado por Deus e que Ele é a única explicação para a origem das realidades visíveis e invisíveis. Que é “Ele quem mantém e sustenta o universo”, e que esta criação não para, mas está em um processo contínuo de crescimento e que os seres humanos são colocados no centro desse universo (MBITI, 1991, p. 43).

Segundo Mbiti, o povo africano olha para Deus como seu Pai, que os criou e como um provedor de coisas boas. Em alguns lugares do continente africano Deus é chamado de “Great Ancestor” – “Grande Ancestral” –, “The Elder” – “O Avô” –, o que significa que dEle todas as pessoas e as coisas têm sua origem. Ele é bom, misericordioso, bondoso e pode fazer tudo. Eles acreditam que Ele existe de sua autoria, é o Espírito invisível e eterno, mas que as pessoas podem sentir e saber o efeito dEle no universo. No entanto, a “natureza de Deus continua a ser um grande mistério e uma grande maravilha para o povo africano.” (MBITI, 1991, p. 49).

O autor afirma ainda que o objetivo do culto é “renovar o contato e a amizade entre o visível e o Invisível”. A adoração é usada para criar harmonia no mundo e na humanidade, “essa é a principal forma de um africano aproximar-se de Deus”. Suas orações sempre são acompanhadas de oferendas e sacrifícios, porque eles sentem que “não devem aproximar-se de Deus com as mãos vazias.” (MBITI, 1991, p. 145-146).

As religiões tradicionais africanas acreditam e vivem o valor e a ética do ponto de vista da comunidade. Nesse sentido, os africanos vivem a filosofia de vida “*ubuntu*”⁸ que significa “Eu sou porque nós somos”.

O ser humano significa ser por meio de outros, sejam estes vivos ou mortos, humanos ou não. Em um sentido mais geral, *ubuntu* também significa simplesmente compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo ou, em uma só palavra, amor (LIMA, 2018, p. 1).

Portanto, o cristianismo e as religiões tradicionais africanas têm muitas características que não entram em conflito, e esses pontos não podem ser ignorados, pois proporcionam o diálogo. Além disso, “a comunidade inclui não só os vivos, mas também os que ainda não nasceram e os mortos, que vivem na aldeia dos antepassados, dos ancestrais.” (BUJO; MUYA, 2008, p. 25).

Assim, sendo que o ser humano é compreendido a partir do ponto de vista da comunidade, o indivíduo se torna humano na medida em que ele/ela compartilha da vida na comunidade, em solidariedade com os outros. Mbiti (em apresentação em sala de aula em 2007) diz que sem tal pressuposto é impossível fazer teologia cristã na África. Assim, Jesus tem de ser

⁸ *Ubuntu* nas línguas zulu e xhosa, faladas na África do Sul, exprime um conceito moral, uma filosofia, um modo de viver *Ubuntu* significa: “Eu sou porque nós somos” ou, em outras palavras “Eu só existo porque nós existimos” (LIMA, 2018, p. 1).

apresentado como o “Ancestral por excelência”, comunicando-se com os seres humanos a vida e a salvação de Deus.⁹ Mbiti ainda afirma que:

A Igreja é a família cristã, em que todos são relacionados entre si através da fé e do batismo em Jesus Cristo. A Igreja também inclui os que morreram e os que ainda estão vivos. Isto é semelhante à visão africana da família, que inclui tanto os vivos quanto os que partiram. (MBITI, 1991, p. 191).

O Ser Supremo é observado na natureza e em suas atividades, como a chuva, a colheita, na fertilidade e no nascimento da criança, no casamento, na morte etc. Mesmo que não haja nenhum livro ou escrito canonizado ou sacralizado, existe uma grande variedade de histórias sobre Deus e a sua criação nas religiões tradicionais africanas. E estas são fonte de pesquisa para a teologia africana. Uma vez que as religiões tradicionais africanas não possuem quaisquer códigos canônicos escritos ou revelações especiais, todo o seu ensinamento sobre Deus e a criação são extraídos a partir da observação da natureza, da intervenção das pessoas, observando e se inserindo na cultura e participando de suas orações e rituais. Assim como, através de estudos dos seus símbolos religiosos, que são transmitidos oralmente através histórias, de provérbios, mitos e tradições sagradas.

3 PARA UMA TEOLOGIA CRISTÃ DO PLURALISMO RELIGIOSO COM AS RELIGIÕES TRADICIONAIS AFRICANAS

A maioria das pessoas de todas as culturas vê a religião como uma parte necessária da sua vida. Geralmente as pessoas fazem perguntas sobre o sentido de sua existência, sobre a vida, o mundo e seus mistérios. A religião muitas vezes responde a perguntas que não são respondidas ou conhecidas em outras partes, nem mesmo pela ciência. Por exemplo, a questão do sofrimento e da dor, o que acontece após a morte e o destino da alma/espírito, a finalidade da vida humana, e assim por diante. Além disso, através das religiões povos, culturas e etnias estabelecem o que é certo e ou errado, bom ou mau, justo e injusto, o que é virtude e o que é vício em seu contexto. É a religião que alimenta a parte espiritual do ser humano e o ajuda a enfrentar e ir adiante, apesar de todos os mistérios do ser e do viver. As religiões resultam desta espécie de diálogo com os mistérios do ser e do existir que tem contribuído para a humanização da diversidade humana nas mais diversas épocas e ambientes do planeta. Isso se aplica em diferentes formas para as diferentes religiões no mundo.

Aqui encontramos a questão e a explicação sobre pluralidade religiosa. Aquela de que no interior dos seres humanos há uma inquietação e procura, um desejo e uma busca constante de Deus que se manifestam de mais variadas e de diferentes maneiras. Logo, as pessoas têm no seu interior um mesmo desejo e objetivo: buscar a Deus, o seu criador. Existem no ser humano

⁹ Apresentação de Mbiti em sala de aula, de sua pesquisa feita sobre a analogia da Trindade com os ancestrais nas religiões tradicionais africanas, no Tangaza College, Catholic University of Eastern Africa, em Nairóbi, Quênia, 2007.

aspirações de buscar aquilo que dá sentido a vida e responde aos seus anseios e inquietações. No entanto, Teixeira lembra que “a história da salvação não se inicia com a chegada do agente evangelizador, como se entre os povos não evangelizados houvesse simplesmente uma ‘ânsia’ da verdade de Deus, depois respondida pelo entusiasmo do missionário” (TEIXEIRA, 1995, p. 225).

Por conseguinte, a pluralidade das religiões é a forma criativa para buscar o mesmo Deus por meios e maneiras diferentes. A maneira da busca está relacionado à cultura e ao modo de ser e de viver de um povo. Assim, todos nós escalamos a mesma montanha através de pontos e realidades diferentes, a fim de chegar ao topo onde todos se encontram com o mesmo Deus e criador. Neste sentido, Hick ressalta que:

Não é ilusório os modos variáveis com que uma montanha aparece para uma pluralidade de observadores diferentemente. O fato de que a mesma realidade possa ser experimentada e descrita de várias maneiras é verdadeiro (HICK, 2000, p. 190).

Desta forma, não se deve pensar que uma religião é certa e a outra é errada, que uma salva e a outra não salva. O que todos deveríamos saber é que cada religião tem coisas a serem purificadas e valores a serem compartilhados e que podem enriquecer uns aos outros. Portanto, ao se aproximar das religiões, é preciso ter uma visão e uma atitude pluralista que remete a uma abertura para acolher, compreender e compartilhar com o diferente. Neste sentido, ao falar das religiões tradicionais africanas Mbiti ressalva que:

Em orientando as pessoas a colocar a sua confiança em Deus, a religião está fazendo o melhor que pode para as pessoas, mostrando-lhes tanto a sua origem como o seu destino. Isto é, ser capaz de ver o que em sua própria maneira mesmo que limitada, as religiões africanas têm feito para os povos africanos ao longo da sua história (MBITI, 1991, p. 201).

Ao pluralismo religioso foi dado um reconhecimento positivo na Igreja após o Concílio Vaticano II. As religiões tradicionais africanas hoje são consideradas como uma verdadeira experiência religiosa do povo africano em seu encontro com o Divino. Em *Africae Terrarum*, número 8, o papa Paulo VI exorta a uma troca de significado entre o cristianismo e as religiões tradicionais africanas. Ele reconhece que os africanos têm uma expressão religiosa correta e exclusivamente africana.

O papa João Paulo II, em sua exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa*, número 42 afirma: “os africanos têm um profundo sentido religioso, o sentido do sagrado, da existência de Deus criador e de um mundo espiritual.”

A carta do cardeal Arinze¹⁰ dirigida aos bispos da África e Madagascar exorta-os a dar uma séria atenção pastoral às religiões tradicionais africanas. Ele recomenda o diálogo entre o cristianismo e as religiões tradicionais africanas, para o seu enriquecimento mútuo e para capacitar a Igreja a respeitar as culturas dos povos preservando assim tudo o que é nobre, verdadeiro e bom.

A África tem inúmeros povos, e, portanto, diferentes culturas, costumes, línguas, crenças e padrões. Como resultado, a teologia deve ser a partir de uma experiência de vida concreta e contextualizada. Destarte, na aproximação da pluralidade de culturas e religiões africanas somos desafiados a ter uma visão cósmica e uma atitude de abertura em relação a estas formas criativas e diversificadas de se aproximar de Deus.

Tendo em conta que Deus e a religião foram sempre relevantes no processo de humanização dos povos da África, como de todos os outros povos, não podemos nos aproximar das religiões tradicionais africanas com olhos desconfiados, porque o “chão onde pisamos é santo”. Nyamiti ressalva que “um dos maiores valores que os missionários encontraram na África foi o monoteísmo”, mas que, no entanto, “Deus permanece um Ser desconhecido; porque, Ele é um mistério”. Entretanto, mesmo no caso do cristianismo, na revelação de um Pai amoroso que tem um Filho e deu o Espírito Santo, Deus permanece ainda como um mistério. O fato é que as pessoas encontram caminhos e maneiras diferentes para aproximarem de Deus e Ele de manifestar-se a elas (NYAMITI, 1984, p. 70). Neste sentido, Paulo Suess afirma que as “religiões são caminhos ordinários de salvação dos seus respectivos povos. Culturas e religiões têm uma normatividade interna. Nenhuma dessas culturas e religiões, porém, é, por princípio, normativa para outras culturas e religiões” (SUESS, 2008, p. 95).

Na África, as religiões de ancestrais incluem a ideia de parentesco como um fator indispensável. “Acredita-se que os ancestrais estão perto de Deus. E para atingir o *status* de ancestral a pessoa deve ter vivido uma vida moral e exemplar na comunidade” (NYAMITI, 1984, p. 71).

Na Trindade, o amor recíproco do Pai e do Filho é perfeito; envolve a doação um para com o outro, de modo que o Espírito Santo é fruto e expressão desse amor recíproco. A partir dessa relação Trinitária, Nyamiti articula uma analogia que nos ajuda de uma forma positiva a ver a presença da Trindade já impressa nas religiões tradicionais africanas. Os elementos relacionais de doação, de reciprocidade e comunicação, são também essenciais para a concepção africana de ancestral. Nyamiti descreve:

Na Trindade, o Pai e o Filho, o Ancestral e o Descendente não podem ser entendidos, exceto em termos da sua relação intrínseca com a sua comunicação mútua no Espírito visto como oblação mútua. Somos levados a esta conclusão ao examinar a relação entre o Pai e o Filho, à luz da

¹⁰ Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc20010124_dupuis_en.html>. Acesso em: 12 jul. 2019.

compreensão africana de relacionamento com os ancestrais. (NYAMITI, 1984, p. 77).

Além disso, a essência das religiões tradicionais africanas é descrita como “notoriamente tolerante, inclusiva e acolhedora de outras tradições religiosas”. De modo que na questão do pluralismo, as religiões tradicionais africanas dão uma lição de respeito e aceitação, uma vez que estão sempre abertas ao diálogo (FALOLA, 1988, p. 5).

Com o Concílio Vaticano II houve uma atitude positiva para com as outras religiões na teologia católica. Tem-se um maior espaço e uma orientação mais positiva, que a teologia contemporânea tem tentado construir, para promover e justificar o diálogo inter-religioso. A ideia de uma “aliança cósmica entre Deus e a humanidade originária com o próprio ato da criação; a tradição religiosa da humanidade são os testemunhos escolhidos de sua aliança com as nações” (DUPUIS, 1997, p. 33).

O debate histórico teológico sobre o diálogo inter-religioso dos padres da Igreja até o Vaticano II foi resumido na declaração do magistério: “Fora da Igreja não há salvação [*Extra Ecclesiam nulla salus*]. Este axioma gradualmente recebeu uma interpretação cada vez mais rígida” (DUPUIS, 1997, p. 89). Porém, os textos do Vaticano II aparecem uma visão mais inclusivista, abrindo fresta para o pluralismo, quando reconhece que Deus se oferece a todos:

Aqueles que ainda não recebem o Evangelho estão relacionados com o povo de Deus [...]. O plano de salvação inclui aqueles que reconhecem o Criador [...], Deus não é distante daqueles que em sombras e imagens procuram o Deus desconhecido. Nem a providência divina nega a assistência necessária para a salvação daqueles que, sem culpa deles, ainda não chegaram a um conhecimento explícito de Deus, que, não sem graça, se esforçam para levar uma vida reta. (LG 16).

No entanto, reconhecer a bondade, a graça e a verdade das diferentes religiões não significa aceitar cegamente tudo o que elas têm, ou esconder e negar a nossa fé em Cristo. Na constituição dogmática do Vaticano II *Lumen gentium*, encontramos: “A Igreja trabalha de maneira tal que tudo o que de bom se encontra semeado no coração e na mente das pessoas ou nos próprios ritos e culturas dos povos, não só não desapareça, mas que seja elevado” (LG 17).

Destarte, hoje o diálogo inter-religioso é um tópico consideravelmente debatido nos círculos teológicos. Na visão inclusivista as religiões tradicionais africanas “podem ser vistas como uma preparação para o Evangelho, porque elas contêm preciosa *semina Verbi*” (EA 67). No entanto, alguns teólogos estão insatisfeitos com esta teoria, uma vez que segundo eles, não garante o devido respeito para com as tradições religiosas não cristãs. Pois, quando os cristãos afirmam que as outras religiões atingem a sua consumação no cristianismo, eles parecem desrespeitosos, arrogantes e presunçosos com adeptos de outras religiões, embora comparado com o axioma “*Extra Ecclesiam nulla salus*” esta concepção apresente um considerável avanço, como pode ser visto na exortação da *Gaudium et spes* (22): “devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus a este

mistério pascal”. No entanto, esta é uma perspectiva que se limita ainda ao inclusivismo, pois tem como referencial superior o cristianismo. A dignidade dos outros não é reconhecida na diferença, mas somente naquilo em que se iguala a nós. Neste sentido, Virgil (2006, p. 417) sinaliza com veemência que “o futuro já não é a missão clássica, a conquista espiritual ou domínio do mundo por parte de uma instituição eclesiástica, a submissão de todas as almas a Cristo ou o triunfo da religião cristã sobre todas as religiões da terra”. Teixeira (2014, p. 139) afirma que “é através do “testemunho dos valores do Reino com o seu ser e agir que a Igreja traduz fidelidade ao seguimento de Jesus e consegue confirmar sua credibilidade no tempo atual”.

A suma é que uma teologia do pluralismo religioso das religiões tradicionais africanas deve resultar em uma visão ampliada e uma apreciação da realidade para o indivíduo e para a comunidade em diálogo. Sabendo que o diálogo é uma atitude de escuta, de abertura, de acolhimento, de respeito e de flexibilidade. Somos chamados, como diz Isaías a “alargar o espaço da nossa tenda”, a “estender as cortinas da nossa casa e prolongar nossas cordas” (Is 54,2), a fim de transformar categorias mentais e preconceitos para uma teologia cristã do pluralismo religioso em relação não só para com as religiões tradicionais africanas, mas para com todas as religiões do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o ensinamento de Jesus, o vizinho ou o próximo que somos chamados a amar pode ser de uma crença religiosa diferente, ou seja, budista, hinduísta, muçumana, e assim por diante. A missão é feita através de contatos amigáveis com o vizinho. O diálogo é parte da missão de Cristo e da evangelização. Todo ato de testemunho e partilha é parte da proclamação, onde o objetivo não é converter o outro, mas, sobretudo e primeiramente, de construir um mundo onde não somente possamos viver como irmãos e irmãs, mas que seja um mundo de justiça, igualdade e em harmonia com toda diversidade da criação.

Somos chamados a ser luz para o mundo, mas a fonte de luz é Deus, e Ele dá a luz a todos (Jo 1,9). A luz e a verdade não são propriedades privada da Igreja católica; elas estão nela, mas também elas existem fora dos limites da Igreja. Jesus é a luz do mundo, mas a Igreja não possui esta luz de forma exclusiva. A luz de Deus brilha para todos.

O “diálogo inter-religioso é uma troca de experiências compartilhando ideias e valores em uma atitude de abertura e de respeito”. Quando nos abrimos ao diálogo com o diferente, crescemos no conhecimento dos nossos valores e crenças (MOLONEY, 1997, p. 1). Através da experiência com diversidades, somos capazes de chegar a uma consciência mais aguda da nossa própria identidade, de quem somos e no que acreditamos.

Segundo Dupuis, o indivíduo fora da revelação cristã também tem acesso total à salvação em Cristo, mesmo antes de ter ouvido qualquer coisa sobre Ele. Na visão inclusivista, a abertura ao Jesus histórico viria como um clímax e consequência normal no relacionamento,

uma vez que o Espírito de Deus já se encontra presente nas culturas antes que Cristo tenha sido explicitamente proclamado. Acredita-se que “Cristo não é apenas o final, mas também o início [...] Cristo não pertence ao cristianismo, ele pertence a Deus. São o cristianismo e o hinduísmo, as RTAs que pertencem a Cristo, embora em níveis diferentes” (DUPUIS, 1997, p. 145). Essa compreensão incentiva o respeito, uma vez que considera a outra religião como uma “terra sagrada”, uma marca de Deus a ser preservada e protegida.

O diálogo inter-religioso é uma tarefa que pode causar medo nos campos pastorais e teológicos. Ser desafiado por outras ideias, religiões e culturas pode causar receio. Então, é preciso uma base religiosa, espiritual e psicológica segura sobre a qual se pode construir antes de sair em missão e se engajar seriamente no diálogo inter-religioso. Mas, sair em missão é também uma oportunidade para afirmar o bem que encontramos fora do nosso sistema religioso dialogar e de nos enriquecer com a criação de pontes de entendimento e unidade.

Hoje, percebemos que o diálogo inter-religioso é parte integrante da missão da Igreja. Geffré (2013, p. 299), ao tratar da relação missão e pluralismo religioso, assegura que “o diálogo já é uma forma essencial de missão”.

Percebe-se que não se tem propriamente uma teologia puramente pluralista na prática. Mas uma mistura de inclusivismo e pluralismo. Geffré (2013, p. 299) afirma estar consciente de que “a missão como proclamação e apelo à conversão, se tornou muito difícil, até mesmo impossível” na realidade atual e que “o pluralismo religioso permanece um destino histórico permitido por Deus, cujo significado está oculto aos nossos olhos” (GEFFRÉ, 2013, p. 299). Nota-se que os documentos do magistério do Vaticano II em diante aportam de maneira inclusiva a questão do diálogo inter-religioso, mas deixa uma porta aberta ao pluralismo. Logo, o aprofundamento teológico e práticas pastorais no campo de missão há possibilidade de colocar em prática o pluralismo.

Nesta perspectiva, abordando a visão inclusiva-pluralista de teólogos africanos na tentativa de projetar uma teologia cristã com base no modo tradicional das religiões africanas, alguns teólogos afirmam que os ancestrais africanos têm um papel importante na doutrina da comunhão dos santos, tal como apresentado na Igreja e que eles também experimentam intensamente a dimensão vertical da sua vida espiritual. Assim, as religiões tradicionais africanas estão lentamente encontrando seu lugar na orquestra do mundo religioso.

Para o povo africano, Deus fala com eles através de suas experiências religiosas e através da voz de seus ancestrais. Bujo (2008) sublinha o conceito africano da vida como um dom de Deus, assim como a centralidade dos antepassados e da comunidade. Uma abordagem pluralista cristã das religiões tradicionais africanas é um desafio para abrir nossa visão mais ampla em relação à ação do Espírito que esteve presente na África desde sempre.

Missão e diálogo inter-religioso desafiam-nos a ter uma visão cósmica da presença de Deus na pluralidade das religiões tradicionais africanas em todo o continente africano, como também de todas as religiões existentes no planeta. Os teólogos pesquisadores do diálogo inter-

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

religioso na África nos dão um exemplo, de que as teologias da missão e do diálogo inter-religioso exigem profunda pesquisa, da mística de cada religião, para poder contemplar e facilitar a apreciação e a visão da presença divina nas diferentes religiões. Portanto, fazer missão hoje significa engajar-se no diálogo inter-religioso, o que significa uma tarefa exigente, mas enriquecedora. Exige especialmente de todo teólogo e todo missionário um conhecimento profundo da própria fé e uma abertura ao diferente. Portanto, “tire as sandálias, o solo que pisas é santo” (Ex 3,5; Js 5,15). ✨

REFERÊNCIAS

- ARINZE, Francis. **Meeting other believers**, Nairobi: Paulines Publications, 1997.
- BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- BUJO, Bénézet; MUYA, Juvenal Ilunga. **Africa theology, the contribution of the pioneers**. Nairobi: Paulines Publications Africa, 2008. (v. 1).
- CATECHISM OF THE CATHOLIC CHURCH. Nairobi: Pauline Publication Africa, 1994.
- DUPUIS, Jacques. **Towards a Christian theology of religious pluralism**. Nova York: Orbis Books, 1997.
- FALOLA, Toyin. The spread of Islam and Christianity and their impact on religious pluralism in África, **Dialogue and Alliance**, Nova York, v. 2, n. 4, p. 5-18, 1988.
- FITZGERALD, Michael. Evangelization and interreligious dialogue. **Origin**, Washington, v. 33, n. 23, p. 402-405, 2003.
- FLANNERY, Austin (Ed.). **The conciliar and post conciliar documents, II, Dogmatic Constitution on the Church, “Lumen Gentium**. Rockville Centre: St. Paul Publications, 1964.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Religião e interculturalidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HICK, John. **A metáfora do Deus encarnado**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica **Redemptoris missio**: sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1995.
- JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-sinodal Ecclesia in Africa**: sobre a Igreja em África e sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000. Nairóbi: Pauline Publications, 1995.
- KNITTER, Paul. **No other name? A critical survey of Christian attitudes towards the world religions**. Nova York: Orbis Books, 1985.
- LIMA, Jose Carlos. Ubuntu: “eu sou porque nós somos”. **O jornal de todos os Brasis**. 2018. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/jose-carlos-lima/ubuntu-%E2%80%99Ceusou-porquenos-somos%E2%80%9D>>. Acesso em: 3 nov. 2018.
- MAGESA, Laurenti. **African religion**. Nairobi: Pauline Publication 1998.
- Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 7, n. 10, p. 71-85, jan./jun. 2019
84 ISSN 2595-8208

MBITI, John. **Introduction to African religion**. Long Grove: Waveland Press, 1991.

MOLONEY, Schrover. **Dialogue with Islam**. Nairobi: Pauline Publication 1997.

NSEKA, Hippolyte Ngimbi. **Teaching traditional religion, culture and inculturation in the major seminaries and higher education institutes of the church in Africa: the congo example**. Disponível em: <<http://www.afrikaworld.net/afrel/ngimbi-nseka.htm>>. Acesso em: 1 maio 2017.

NYAMITI, Charles. **Studies in Africa Christian theology. Jesus Christ, the ancestor of humanity: methodological and trinitarian foundation**. Nairobi: CUEA Publications, 2005. (v. 1).

NYAMITI, Charles. **Christ as our ancestor**. Gweru: Mabo Press, 1984.

SHORTER, Aylward. **Celibacy and African culture**. Nairobi: Pauline Publication, 1998.

SUESS, Paulo. Pluralismo e missão: por uma hermenêutica da alteridade. In: VIGIL, José Maria et al. (Orgs.). **Teologia pluralista libertadora intercontinental**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 89-111.

SWIDLER, Leonard. **Cristãos e não cristãos em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 1988.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995.